

N.º 10 — LISBOA, 18 DE MARÇO

1.º ANO 93

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se às quartas-feiras
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
 Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO CREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assinaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs.	Brasil, anno 52 numeros. 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros. 500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio. 500 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros. . 1\$500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data ; tem ordem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
 111, Rua do Norte, 1:3
 IM-RESSÃO
Lithographia Artistica
 Rua de Almada, 32 e 34

NO HOSPICIO DO CLERO



M. Christo
 Cop. dim.
 instantaneo.

Ligeiro desaccordo... — Pacata reunião

«Amac-vos uns aos outros»
 J. Christo.

Carta a um provinciano

Amigo,

Pergunta-me v., caro amigo, o que foi o discurso do Arroyo, que ahí, em Terras do Bouro, tanto deu que falar. Eu não ouvi o discurso do Arroyo, porque em geral não vou á Camara, onde me falta a luz, onde me falta o ar, e onde em dias de enchente, ha sempre esse cheiro morno e molle que já tanto surprehendia é enojava a Fradique Mendes. Mandolhe, porém, os *Annaes*, visto tanto interessar-lhe o assumpto, e por elles o amigo verá o que foi emfim o discurso do Arroyo. Uma lastima! meu caro parceiro ao *whist* e memorado companheiro de melancolia nas tardes profundas de Caldellas,—uma consideravel lastima! Vae lê-lo. Vou roubar-lhe a impressão que o seu forte espirito certamente terá d'esse espectáculo da decadencia não já de um homem, que afinal nunca foi grande, mas de um povo que, no fim de contas, sempre teve grandeza. Não importa! Toma-me o vicio da loquacidade, ou, talvez melhor, essa necessidade de desabafar, tão portugueza, que a cada passo nos lança nos braços uns dos outros, porque é raro o portuguez que não traz consigo qualquer coisa recondita que procura confiar a outrem. Eu, pelo momento, trago commigo o discurso do Arroyo. E' um desgosto pessoal. Antes não o tivesse lido! Mas quê? Os jornaes não nos poupam a amarguras. Depois, veio v., com a sua curiosidade tão provinciana, o seu pedido de informações urgentes, e eu—para lhe ser agradável—li, meditei profundamente, bebi até ás fezes esse discurso nas paginas sêccas dos *Annaes*, que lhe mando todo rubricado á margem por um lapis pessimista. Sim, pessimista! Porque afinal de contas, o discurso do Arroyo agradou, foi lido com gula, saboreado com volupia, discutido com convicção, com ardor, com sinceridade. Sim, meu amigo, o nosso paiz chegou a isto! O visconde de Chancelleros—leia nos *Annaes*—chamou-lhe obra prima, chamou-lhe joia litteraria, chamou-lhe tudo! O Arroyo metteu os pés pelas mãos, o Arroyo não disse coisa com

coisa, o Arroyo fez ironias indignas de um espirito culto, o Arroyo fez chalaças improprias de uma bocca pura, o Arroyo fez facundia com logares communs, imaginação de fancia, sarcasmo de pontas de cigarros e comtudo—ó terra dos meus avós! ó patria que me viste nascer! ó berço de meus filhos!—o Arroyo agradou. A' noite—ouça v. isto, ahí nas solidões de Terras do Bouro, propicias á meditação—o discurso do Arroyo entrava na litteratura. De fórma que seremos nós dois apenas a considerar esse discurso uma coisa execravel, de máo gosto, de máo tom, de máo quilate. Li-o. Como o vae lêr, gulosamente, não o negue!—repare. Elle encontrou o gabinete «polychromo». Veja v. isto! Depois, declarou que nunca podera ser superior a uma impressão d'arte—desde pequeno. A dar-se ares de Paganini! Veja. Mas veja sobretudo a passagem que começa pelas palavras: «Nunca talvez...» Nunca—disse elle—(eu não resisto a repetil-o) «sua ex.^a cheirou com mais arte a natureza das coisas politicas, nunca *olfatou* com tamanha perfeição os homens e os acontecimentos.» Elle disse isto? pergunta v. estupefacto. Disse. Lá vem nos *Annaes*. Mas não disse só isto: disse tambem que Jupiter nunca «teve phantasias de creação.» Mas isto é horrivel! exclama v. Espere. Leia para diante. Repare como elle se dirige ao ministerio.—«Se elle, orador, estivesse ali (*apontando para as cadeiras dos ministros*) breves seriam as suas palavras. Voltar-se-hia para o sr. ministro da guerra dizendo-lhe: muito olho para a esquerda—e, voltando-se para o sr. ministro da justiça, dir-lhe-hia:—muito olho para a direita. Suas ex.^{as} não estão presentes e elle, orador, limita-se, portanto, a enviar-lhes um aperto de mão e a dizer-lhes ao mesmo tempo esta unica palavra—aguentem-se. (*Riso*)» Hein? Que originalidade! que frescura e sobretudo que corte! Não perca a paciencia. Não atire o jornal fóra.—Leia para diante. Quer um logar selecto d'este genero de oratoria, considerado á hora em que lhe escrevo tudo quanto ha de mais espirital? Aqui tem: «O sr. Wenceslau de Lima representa na polychromia do actual gabinete o maxi-

mo de tempero balsamico que o sr. presidente do conselho podia deitar na panela partidaria.» Estou a vê-lo fazer uma horrivel careta. A «polichromia», o «tempero balsamico», a «panela partidaria!» Meu pobre amigo! Repare agora: o seu esforço para deslumbrar pelas visões arguciosas da imaginação é evidente. Elle espreme-se todo. Olhe:—«Ha substantivos que se roçam por um determinado (por um determinado!) adjectivo, como uma gata se roça pelas pernas do seu dono, que a afaça e amima.» Descobre que ha adjectivos caracteristicos. Os *Annaes* chamam-lhe substantivos, tal foi a confusão que este discurso espalhou. «Por exemplo: o deputado é illustre. O illustre deputado. O industrial é arrojado—O arrojado industrial.» Disserta sobre o *seu*. O que é o *seu*? Eu sei lá! «O *seu* passa a ser o caracteristico dos cardeaes do partido. *Seu* Telles, *seu* Moraes Carvalho, *seu* Arroyo.» Onde leu v. isto?—Na *Corneta do diabo*? no *Pae Paulino*? no *Pimpão*? Tristemente, miseravelmente onde v. leu isto foi nos *Annaes*. Mas eu não quero indispol-o mais, como eu proprio já estou, com o tempo e os homens. Os *Annaes* ahí vão: medite-os. Pergunta-me tambem porque se produziu esta briga a que v. espavoridamente chama já—um *escandalo*. Não sei, nem me interessa saber-o. O que para mim foi um escandalo não foram, no discurso do Arroyo, os motivos que elle teve para o pronunciar, mas o facto mesmo de o ter pronunciado. Esse, sim, foi um escandalo, porque me escandalizou o gosto, como uma coisa horrivelmente feia. A Moral é-me indifferente. A Arte é tudo para mim. Que me devorem, mas que o façam com esplendor e requinte, regando-me com bons molhos. Eu sei! eu sei! a fortuna rapidamente adquirida, o poder, o patriato, os negocios e os *raóuts* a que vae toda a gente. Ninharias, exquisites, bisbilhotices... A corrupção não destroe as sociedades. Roma foi grande. Espirito! espirito mesmo na dissolução, mesmo na decomposição, mesmo no tumulo, e espirito—ai de nós, de v., de mim, de todos, irremissivelmente não ha! A Política devora-nos, não ha duvida, mas não temos sequer a consolação de ser co-



FLORENDO

Ourivesaria
E
Relojoaria
COM
Officina annexa de fabrico
e concerto
—
Jóias com brilhantes
—
Preços limitadíssimos

99 — Rua Aurea — 99

HUNYADI JANOS

O purgante das familias



A melhor água purgativa natural — Reputação universal

A venda em todas as farmacias e drogarias

Depositarios: 39, Rua do Arco do Bandeira, 2º

LISBOA

A mulher deve trabalhar pouco

Os verdadeiros trabalhadores que sabem que o modo de viver é muito, muitas vezes quasi tudo, sabem tambem que um trabalho interrompido é, em geral, de fracos resultados. A mulher, tão doentia e tantas vezes impossibilitada, é um mau operario. A mobilidade da sua constituição, que é o fundo da sua organisação, não lhe permite a larga applicação. Fazel a estar sentada um dia inteiro, é uma verdadeira barbaridade. Em plena saude, mesmo, é impropria para o trabalho. Que direi no estado da gravidez, n'esse grande *trabalho* de dores que o homem lhe impõe tantas vezes e tão despreocupadamente! Nos quatro primeiros mezes em que a creança, fluctuante ainda e agita como um navio em borrasca, nos cinco mezes d'absorção em que ella como que a bebe vivendo do seu sangue, enfim, nos tres mezes, pelo menos, que são precisos para fixar as pobres visceras arrancadas, que quereis que ella faça? Depois d'esta horrivel fadiga, mettel a has no trabalho, quando ella acaba de dar o melhor de si mesma, o seu sangue, a sua medula, a vida?

Tudo o que os economistas teem dito sobre a applicação da mulher á industria, é uma excepção, imperceptivel sobre a casta, um pequeno pente negro na Europa. Esquecem o resto do mundo. Em todos os logares, em todos os tempos não foi e não é occupada senão nos trabalhos domesticos, que, entre as tribus selvagens (onde o guerreiro reserva para si a fadiga das grandes caçadas) comprehendem um pouco d'agricultura ou de jardinagem. E' fazendo pouco ou nada, que a mulher produz os dois thesouros d'este mundo. Quaes? A creança, o homem, a belleza, a força das raças. Quaes ainda? A flôr do homem, esta flôr d'arte, de doçura e de humanidade que se chama — civilisação. Tudo isto veio, desde a origem, da cultura delicada, terna e paciente, que a mulher, esposa e mãe, nos tem inoculado no lar.

A mulher trabalha tanto como nós, mas d'outro modo. Conheço-as que trabalham doze horas por dia e julgam trabalhar pouco. Uma das mais laboriosas, dizia-me, modestamente — «vivo como uma princeza; e elle que trabalha e me sustenta; as mulheres não servem para nada».

Este *nada* quer dizer, esse trabalho doce, lento, variado, voluntario, sempre em beneficio de quem ella ama, o marido ou o filho. Este trabalho que não absorve o seu espirito, é como a cadeia do tecido dos seus pensamentos. Ella adiciona lhe, como trania, coisas domesticas em que o homem occupado não repararia e muitas vezes sérios juizos sobre o futuro dos filhos e ainda a mais alta poesia, a mais geral da humanidade — a caridade.

Alguem perguntava á illustre e encantadora madame Stowe como escrevera ella o «Tio Thomaz». Fazendo todos os dias, só, a cosinha domestica, respondeu ella. E' preciso que o trabalho da mulher seja para ella amor, porque este é o seu fim unico. Qual é o seu papel animal, a sua missão? Em primeiro logar, amar; em segundo, amar um só; em terceiro, amar sempre. Sempre e o mesmo, sem cançar. Quando o mundo a não vem perturbar ou mudar, a mulher é mais fiel do que o homem. Ella ama sempre, sem interrupção, em uma corrente que nada desvia, como corre o ribeiro ou o rio, como uma bella fonte solitaria da Floresta Negra, a quem eu perguntei em 1842, passando ali, como te chamas e ella respondeu: «chamo-me — sempre!»

ENGENHEIROS
ALMEIDA SANTOS LINO & C.

AUTOMOVEIS DE
TODAS AS MARCAS
BARCOS DE GAZOLINA
INSTALACOES DE
LUZ ELECTRICA

MACHINAS
E
SEUS
ACCESSORIOS

LISBOA-24-R.VASCO DA GAMA-24

ALMEIDA SANTOS LINO & C.



SULFATO

DE

COBRE

DE

SUPERIOR

QUALIDADE



RUA

DA

PRATA

14

Lisboa



A prisão de ventre

E suas consequências (vagados, enxaquecas, inappetência, etc.) combatem-se com os confeitos SUN, que sem dor nem irritação produzem uma deposição natural diária. Preço de cada tubo 250 réis.

DEPOSITO GERAL

Pharmacia e drogaria Peninsular

124, Rua de S. Julião, 130
39, Rua Augusta, 41



Pasta dentrificadora e hygienica

Preparada na Pharmacia
Julho do Nascimento
111, Rua da Prata, 116.

Preço 500 réis

TABACARIA GANDRA

COMPLETO SORTIMENTO EM

TABACOS

Nacionais e estrangeiros
Grande variedade em artigos para fumador, como boquilhas, cigarreiras, charuteiras, etc.

E outros artigos d'esta especialidade

ASSIM COMO

JOBNAES

Nacionais e estrangeiros, figurinos, etc.

Papel sellado, letras, sellos, arrendamentos e despachos d'Alfandega

60, RUA AUGUSTA, 90—LISBOA



JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. Serpa Pinto, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)



Extracção de callos e desencravamento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que visite este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

DAS 9 DA MANHÃ A'S 6 DA TARDE



CAMISARIA

CARLO STEFFANINA

Fabrica de gravatas

Modas, Confeções

Enxovaes completos para homens e senhoras

Artigos para Sportsmen

45, RUA DO LORETO, 55—LISBOA

LIVROS BONS E RAROS

Luis XV — por J. Michelet — Paris, 1865 — 1 vol. encad.	600 réis
The Portuguese in India , being a History of the rise and decline of their Eastern Empire, por F. C. Danvers — Londres, 1894 — 2 vol. ricamente encadernados com 11 esplendidas gravuras em aço e um grande mappa da India em separado.	45000 "
O Investigador portuguez em Inglaterra , ou Jornal politico, litterario, etc. — Londres, H. Brier, Impressor — 6 vol. encadernados comprehendendo desde o n.º de 1.º de junho de 1811 até ao n.º de 24 de junho de 1813.	55000 "
Histoire des Religions de la Grèce antique — par L. F. Alfred Maury — Paris, 1857 — 3 vol. encad.	25000 "
L'Architettura , di Leonbatista Alberti, tradutta in lingua fiorentina da Cefimo Bartoli — In Venetia — 1565 — 1 vol. encad.	55000 "
Principes de sociologie — par Herbert Spencer — Paris, 1879 — 2 vol. encad.	15500 "
La Istorie dell'India Orientali , de Pietro Maffei, traduzida do latim para lingua toscana por Francesco Serdanaffi Fiorentino — Bergamo — 1740 — 2 vol. ricamente encad. n.ºm s.º.	35000 "
Histoire de la Comedie Ancienne — par Edelestand du Meril — Paris, 1869 — 2 vol. encad.	15000 "
The Lusitads of Camoens , traducção em verso inglez por J. J. Aubertin — Londres, 1878 — 2 vol. ricamente encad. com esplendidas gravuras em aço e um mappa.	45000 "
Historia Geral do Brazil , pelo Visconde de Porto Seguro — 2 grossos vol. encad. com 26 gravuras em aço.	35000 "

À VENDA NA

TABACARIA DE JOÃO TAVARES DO PINHO

7, Rua do Rato, 9—LISBOA



T'ABOLETAS

Em todos os generos, dourados pintura e gravura em vidro. Letras de zinco em relevo, etc.

FRANCISCO SANTOS

41—RUA DO GREMIO LUSITANO —11

GASTON PIEL

Callista effectivo de Sua Alteza o Principe Real

Processos exclusivos e rigorosamente antisepticos

CONSULTAS: Das 9 da manhã ás 5 da tarde; aos domingos até ao meio dia. Segundas feiras das 9 as 11, grat s para os pobres.

Praça dos Restauradores, 46—LISBOA



midos, agora e na hora da nossa morte, por alguns vermes elegantes, como no verso de Junqueiro. Em volta de nós não ha se não appetites. Vorazes. Os *gourmets* acabaram. Este é o regimen dos glutões. Não se ouve o tilintar fino dos pratos. O que se ouve é um remecher surdo de gamellas. Por toda a parte cheira a comesaína. Aqui tem o que me desconsola: a falta de toalhas, a falta de cristaes, a falta de praias, de luzes, de flores, n'este festim de anthropophagos, em que se alguém fala não é para mostrar que sabe falar, mas apenas para mostrar, dura e bestialmente, que tem dentes. Posto isto, aperta-lhe effusivamente as mãos na solidariedade do commum infortunio

Seu desolado amigo
JOÃO RIMANSO.

A' ULTIMA HORA

Os acontecimentos de Coimbra



UMA ESPIGA

PACHECO

O monumento a Eça de Queiroz está a ser inaugurado.

E' tempo que comecemos a fazer alguma coisa pela memoria do homem que, com uma tão maravilhosa sagacidade e com uma tão grande arte, soube *ver* a sociedade do seu tempo, no seu paiz.

E' sob a sua invocação que iniciamos hoje nas columnas d'esta folha esta secção de registo e de critica da vida da intelligencia, nas suas relações com a Politica.

Dignos Pares.
Sessão de 7 de março.

O sr. Presidente do conselho :

«Pelo que toca ao governo, o digno par engana-se absolutamente n'esta parte. Quando elle orador tem de falar de si proprio. *é mais propenso ao silencio.*»

* * *

O sr. Presidente do conselho :

«Elle orador, *abriu os olhos á luz da politica em 1873.*

«Estamos em 1903. Ha por consequencia 31 annos.»

O sr. Presidente do Conselho :

«Não disse que o digno par affrontasse qualquer instituição, mas *não colhe o paralelo.*»

* * *

O sr. Presidente do Conselho :

«Quem serve o seu paiz olha para a frente, porque de frente é que se encaram as questões, de frente é que se resolvem as difficidaades e em frente é que se caminha sempre.»



QUADRAS POPULARES APPLICADAS

Hintze a Luciano

«Eu autonomo; tu autonomo»,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como o sol a buscar-te,
Tu, como a sombra, a fugir-me.

Luciano a Hintze

«Costumei tanto os meus homens
A trabalharem c'os teus :»
Que de tanto confundil-os,
Já nem sei quaes são os meus !

Hintze a Luciano

A' tua porta está lama,
A' minha fica um lameiro :
«Quem nos lançar uma pedra
Para si olhe primeiro».

Luciano a Hintze

Temos feito mil proezas,
Outras tantas consentido :
«Muitos cães nos teem ladrado
Mas nenhum nos tem mordido».

Côro dos dois

Somos os dois rotativos
Da bella constituição :
Torradinhas com manteiga
Por cima, café, limão

S. Carlos

Mauricio Bensaude



Bensaude desmentiu o proloquio que diz que ninguem é propheta na sua terra.—Elle foi propheta e foi *Tannhauser*, isto é, elle conseguiu este *tour de force* lyrico : cantou duas operas na mesma noite e ambas com exito.

Nós saudamos no artista que Bensaude nos traz após tão larga ausencia, o compatriota que soube ser alguma coisa na vida sem a solidariedade do seu paiz.

Estes exemplos não são tão vulgares que nós não tenhamos o dever de os assignalar com sympathia.

Caruso



Realeza de tenores. Grande voz e grande arte.

Lista civil: 3:000 francos por noite.
Não arruina os Estados; arruina as imaginações.

Emfim, o que é bom é car... uso.

Expediente

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes a fineza de mandar satisfazer a importancia das suas assignaturas, a fim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

AS FÉRAS



O incidente da semana

Para meditar

Tenho uma idéa. Eil-a.

Porque não se ensinarão os macacos a serem deputados? São animaes tão intelligentes!

Em primeiro logar, a medida seria economica; em segundo—divertida.

Respeito, como ninguem, a dignidade do systema parlamentar. E' elle que cobre o nosso paiz de gloria e de riqueza. Ora isto vem da força das circumstancias e não da força dos homens. A machina marcha porque está bem azeitada. Os que a louvam fazem-no por descargo de consciencia. Ora estes podiam ser utilizados na ceifa, na vindima e substituidos, ou melhor allegorizados. Por quem? pelos macacos!

Por exemplo: no da em que o sr. Hintze fez votar na camara o Convenio, por ventura a votação divergiria, teria menos valor, se tivesse sido feita por macacos? Vê alguem que nas votações por «levantados» e «sentados» os macacos não possam levantar-se ou sentar-se com uma unanimidade tão philosophica?

E' desconhecer os nossos antepassados, ou não saber aproveitá-los.

A Natureza creou-os para desempenharem as funcções publicas que repugnam ao homem trabalhador e intelligente e que a sociedade é forçada a manter para justificar a sua razão de ser.

A Natureza diz-nos: utiliza o macaco para as coisas officias, sem interesse, onde apenas se exige o numero e a apresentação.

Pode ser mais claramente indicado o Parlamento?

Observae o macaco. Anda em grupos. Quem diz «grupos» diz «partidos» e d'ahi ás «commissões» vae um passo. O amor pelo grupo está na natureza simiana.

Demais, possui no mais alto grau o dom da imitação. Collocae dez mil

macacos deante d'um homem (seja o sr. Hintze) elles reproduzirão até o mais rapido pestanejar d'este grande ministro e representarão o modelo perfeito do que se chama uma maioria esmagadora! Que apoio para um gabinete! Que admiraveis instrumentos de governo!

Ha alguma coisa mais parlamentar do que este dom da imitação?

Tomem-se duas urnas — uma pelo governo e a outra contra—se o primeiro macaco lançou a sua lista n'uma d'ellas, não ha perigo que uma só caia na urna contraria.

Meia hora antes do fim da votação já se sabe o resultado. O primeiro voto decide tudo. Economia de tempo.

Sou amigo d'alguns deputados. Quem o não é? Tenho-os ouvido lamentar-se da sua inacção e desejar(m aproveitar as suas forças e as suas capacidades em serviço do paiz. Dizem-se cançados—os eloquentes—dese estafarem para não provarem coisa nenhuma; mostram-se aborrecidos, os que são activos, por andarem sempre a esbarrar com pessoas que só se mechem e voltam sobre si proprias. Designam assim as nossas capacidades politicas. Vendo-os assim, tristes, expuz-lhes a minha idéa. Tornaram-se pensativos; mas não me chamaram paradoxal. Talvez que apenas o seu horror pelas idéas novas os prohibisse de applaudirem uma concepção de que dependesse a salvação da patria. Os seus argumentos contra, foram fracos, ditos *pro forma*.

Um d'elles: que taes eleitos se sentiriam mal por causa do rabo.

O macaco fez do rabo tudo o que lhe appetece. A principio deixava cair por detraz da cadeira; mas na impossibilidade de se servir d'elle, acabaria por atrophiar-se-lhe. (Darwin). Mas que o conservasse? o proverbio é claro: «nunca um grande nariz prejudicou uma cara bonita.»

Depois, é vulgar, os deputados insultam-se na sessão, e sairem de braço dado. Sairiam de rabos dados o que era bem mais espirituoso! E' preciso não abolir o espirito!

* * *

A grande objecção é de que os macacos não falam.

Não acho; nem acho que seja um defeito. Se o macaco não podesse gritar, vá, era preciso rejeitar a idéa do meu parlamento simiano: mas elle grita. E, ainda mais: berra, mia, assobia, vocifera, ri, ulula se fôr preciso. Veja-se pois o effeito que produziria sobre uma reunião d'estes animaes a campanha do presidente Azevedo e digam-me se elles não tem tudo o que é preciso para exprimir as opiniões dos seus eleitores sobre qualquer questão, posta seja por que governo fôr.

Ahi fica a idéa, é sondal-a bem, porque é profunda!

* * *

As palavras que acabam de lér-se são de um estrangeiro, d'um francez. As ultimas peripicias das nossas camaras fizeram-me adaptar o artigo ao nosso meio.

Entre nós, mais do que em França onde ainda ha idéas, convicções e homens verdadeiros amigos da sua terra, a macacaria parlamentar, inaugurada, em pouco modificaria o modo de ser das sessões, a sua respeitabilidade, correccção ou valor.

E, tanto assim é, tanta semelhança a fina critica popular encontrou já, n'aquelles batuques representativos que é do dominio commum a phrase com que o povo julga e define os politicos, entre nós: — aquillo... são macacões de rabo pellado!

MENDO.



ANNUNCIOS TELEGRAPHICOS

De uma a 20 palavras 300 réis

Cada palavra a mais: 10 réis

As abreviaturas contam-se como palavras, e os numeros que tenham mais de 7 algarismos como duas palavras.

Cada annuncio paga mais 10 réis para o sello

Bonus Universal

O publico continúa a dar a preferéncia aos estabelecimentos que dão as senhas do *Bonus*.
E faz muito bem, porque se vae habilitando a receber um brinde fino e de gosto.

J. DOS SANTOS VERDE

ANTIGA CASA JOSE ANASTACIO VERDE FUNDADA EM 1808

FERRAGENS
ESPECIALIDADE EM FERRAMENTAS
2, RUA DOS FANQUEIROS, 8 — LISBOA

ARANHA & C.^a

Modas e Confeções
ENXOVAES — CAMISARIA

276, Rua Augusta, 278

A QUEM SOFRE

Recomendamos a Salsa Parilha Tavares, unico remedio para a syphilis, rheumatismos, doéncias de pelle e estomago, feridas, etc. *Pharmacia Tavares, Rua de S. José, 167.*

Emprestimos sobre penhores

Juro convencional
MOINHOS & GOMES
239 — Rua da Rosa — 243
CASA FUNDADA EM 1840

O Filho do Mosqueteiro

Romance historico de
PAULO DE MAHALIN
Livraria Bertrand, Chiado, 75

Purificador de sangue

Preparado exclusivo da
Pharmacia Julio Nascimento
111 — Rua da Prata — 115

AGUAS THERMAES DO LUSO

Excellentes para meza
Em garrafas e garrafas
Deposito, Rua da Magdalena, 139, r/c. Aberto das 2 ás 4 da tarde. Desc.º aos revendedores.

João Tavares do Pinho

TABACOS E LOTERIAS
Livros e jornaes
7 — Rua do Rato — 9

Cantares

Eu pintarei n'um cantar
A roda da existencia:
Pecar, fazer penitencia
E depois... recoméar!

Outr'ora no meu desejo
Sem te ver, sempre te via:
Passou o tempo, hoje em dia
Mesmo a olhar-te não te vejo!

Tenho um consojo fatal
No meio da minha dôr:
É que achando-me tão mal
Não poderei estar peor.

Perdi metade da vida
Por certo prazer fatal...
Pois dava a outra metade
Por outro prazer igual.

Bodas celestes

Vite se só uma vez, um só momento;
Mas o que a brisa faz com as palmeiras
Fel-o em nós outros dois o pensamento;
Assim são, bem que ausentes, nossas almas
Duas palmeiras a quem casa o vento.

As duas esposas

Soror Luz vendo Isaura certo dia
Casando com Heitor,
— Oh! que esposo tão bello, a si dizia —;
Mas o meu é melhor!

Depois na esposa do mortal olhando
O sorriso d'amor,
Sem poder se conter ficou chorando
A esposa do Senhor!



Caloriferos Perfection

DESDE 6\$000 ATÉ 14\$000 RÉIS

Para aquecimento de salas, quartos, etc.



Recomendados por summidades medicas como os mais higienicos.
Para obter o melhor resultado, usee o petroleo marca *Atlantic* em bidons de 5 litros de capacidade, á venda nas principaes mercearias, drogarias, etc.
Participamos ao publico que já chegou nova remessa d'estes muito procurados caloriferos.

DEPOSITO GERAL

COLONIAL OIL COMPANY

69, Rua Augusta—LISBOA

Telephone n.º 234

Endereço telegraphico: HOURGLASS, LISBOA

Rua Mousinho da Silveira—PORTO

Telephone n.º 92

Endereço telegraphico: HOURGLASS, PORTO



OFFICINAS PHOTOGRAPHICAS
Sob a direcção technica de **ARNILDO FONSECA**
Photographia á luz artificial e natural, fóra e dentro das officinas

RETRATOS DE NOITE

VASTA GALERIA PARA RETRATOS

Utilizações pictoricas da photographia

TRABALHOS DE AMADORES

Ensino de photographia

Quartos escuros

38, Praça dos Restauradores, 38 — LISBOA

TEM ASCENSOR

RETRATOS DE NOITE

RETRATOS DE NOITE

COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

LEILÃO

Em 9 de Março proximo futuro e dias seguintes ás 11 horas da manhã, por intermedio do Agente de Leilões, sr. Casimiro Candido da Cunha, na estação principal d'esta Companhia, em Lisboa, Caes dos Soldados, e em virtude do art. 111.º das disposições comuns ás tarifas geraes de grande e pequena velocidade, em vigor nas linhas d'esta Companhia, proceder-se-ha á venda, em hasta publica de todas as remessas com data anterior a 9 de Janeiro de 1903, bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os consignatarios das remessas indicadas na junta relação e d'outras que, pela sua menor importancia se não mencionam, de que poderão ainda retiralas, pagando o seu debito á Companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamação e Investigações, na estação do Caes dos Soldados, todos os dias não sanctificados, até 7 de Março de 1903 inclusivé, das 10 horas da manhã ás 3 horas da tarde.

Lisboa 20 de Fevereiro de 1903.

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Quantidade	Natureza dos volumes	Pezo k.ºs	Nomes dos consignatarios
29	Pedras em bruto	2 910	Anthero Duarte.
12	Fardos fio	133	Manuel Ribeiro.
1	Mala roupa	24	D. Pedro Maria Macedo.
1	Alvaiade	135	Santos & Santos.
24	Pelless verdes	78	José Roiz da Silva.
3	Vinho	66	Firmino A. Barata.
1	Algodão em rama	144	Francisco A. Durão.
2	Vinho	52	João Soares Chaves.
1	Canastra louça de ferro	55	Nicolau Augusto dos Santos.
3	1º e 2º grades fogões	18	Companhia Oil Colonial.
6	Canastras louça	248	Bernardino dos Santos.
2	Vinho	62	João Anselmo da Costa Pinto.
6	saccos lã suja	430	Domingos Alexandre.
8	barricas drogas ordinarias	4 128	Alexandre Leuringer.
323	Travessas	10 000	J. Reynaud & C.ª
668	"	20 000	" " "
414	"	12 000	" " "
339	"	10 000	" " "
338	"	10 000	" " "
338	"	10 000	" " "

MUSICA
Pianos Instrumentos

Brindes durante o anno de 1903

Um piano Bónisch, novo, mad. n.º 7.

PIANOS
Representantes das celebres casas: Steinway de Nova-York, e C. Bónisch de Dresden

O novo modelo de **Piano de cauda** de Steinway, pelo preço mais modico. Catalogo gratis.

R. N. do Almada, 97, 99 — LISBOA

Para brindes

BONITOS ESTOJOS DE PERFUMARIA

Perfumaria de Guerlain
Ideal de Houbigant

Pharmacia e Drogeria Peninsular
39, Rua Augusta, 41
LISBOA

CAPAS PARA O 3.º VOLUME

D'«A PARODIA»

Está prompta. e á disposição dos colleccionadores, a capa para a encadernação do 3.º volume.

Preço 700 réis

Vende-se em Lisboa na Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º, e na Rua Augusta, 220 e 222.

No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro.

A encadernação de cada volume, custa 200 réis, e o porte do correio de cada capa, 40 réis.

CAPA D'«A COMEDIA PORTUGUEZA»

A CORES E DOURADA

Preço 600 réis — Encadernação 200 réis

Porte do correio, 40 réis

Collecção do 1.º anno, encadernada 2\$400 réis

Vende-se na Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º — No Porto, em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro.

Ninhos

Na Belgica, o governo manda, nas matas de abetos, onde os passaros não podem facilmente fabricar os seusinhos, collocar uma grande quantidade d'estes, artificiaes. Esta ternura pelas aves tem como todos percebem um fim protector para a agricultura.

Quando é que em Portugal um ministro omnipotente e ócco, se lembraria de uma tal ridicularia?

Em elles se *aninhando bem*, não tem tempo de pensar nos passaros elles o são e primeiros... de bico amarello.



Economias

O sr. Teixeira de Sousa que vae pôr a limpo esta coisa das despesas gordas, começou pela rasgada medida de abolir os serões. Aconselhamos-lhe tambem a abolir as madrugadas: «as despesas matutinas» são do conhecimento geral,—é aboil-as.



Ordenados ministeriaes

O sr. Vargas propõe na camara que se elevem os ordenados dos ministros.

Achamos justo, mas queremos que depois d'isso e na mesma sessão se vote a leis das responsabilidades ministeriaes.

Temos o maior prazer em que suas excellencias tenham os seus carros forrados da melhor seda e que n'elle se passem; mas queremos tambem poder ter o prazer de os vêr n'um carro celular quando fôr de justiça.

Nada mais regular do que dar aos nossos ministros sobe rbas recompensas. Eles valem tudo. E, depois, será a maneira de terem alguma coisa grande... o ordenado!



Duello

Não se realiza, graças aos Deuses, o duello que esteve para haver entre o sr. Hintze e o sr. Arroyo.

E ainda bem. Seria horrivel. Consta que a arma escolhida seria o telephone e que suas excellencias trocariam, sem numero, terriveis balas... de rethorica!



Carta ao diabo

Amigo e Senhor diabo, Estimarei que ao ler esta Continue a dar ao rabo; E que os dois, que não lhe gabo, Não lhe incommodem a testa.

Escrever-lhe não receio, Nem tenho que receiar, Pois oiço dizer, e creio, Que o senhor não é tão feio Como o costumam pintar.

Eu, n'esta vida *bicuda* Ha muito commigo *acabo* Esta coisa que me *gruda*: —Se os santos não dão ajuda, Recorre a gente ao diabo.

Que a idéa não leva geito Diz talvez, Sua Eminencia; A' censura me sujeito, Mas venho hoje, com respeito, Falar a vossa excellencia.

Na sua rubra morada, Onde sobra quem o gabe, Anda a coisa na *primada* Mais que na *terra* plantada A' beira mar, como sabe?

Se por lá tem um ministro Que seja talento macho, E sem feitiço sinistro... Risque-o lá do seu registro, E empurre-o cá para baixo.

E eu, um lusitano gebo, Mui grato a favores tantos Que em minha patria recebo, Dou-lhe uma véla de sebo, Porque a cêra é para os santos.

Que a minha carta attenciosa, Escripta a grossos e finos, O ache em vida gostosa Em companhia da esposa Da sogra e mais dos meninos.



Entre amigos velhos



Vaes confessar-te ao prelado? —Poderá não!... cumpro a lei. —E levás muito peccado? —Levo um só, mas é pesado. —E qual é elle?—Roubei.

—Por um só peccado, amigo, Nunca a alma dos mortaes Se vê em grande perigo. E sabes o que te digo? Vae lá p'ra casa e faz mais.

E's negociante honrado; E verás, sem grande estudo, Que n'um ou n'outro *mercado* O comprar por atacado Vence o comprar por miudo.

J.

UMA QUESTÃO



—Você parece que julga que eu sou algum pedaço d'asno! —Eu não julgo isso, mas já vê que ás vezes a gente póde enganar-se...

Camara dos dignos pares



Projecto do novo carro do Estado, em que o governo irá esperar o rei Eduardo

O GOVERNO É A SUBLIME PORTA

João Arroyo.